

“E clame a mim no dia da angústia; eu o livrarei, e você me honrará.” Salmos 50:15. Acabara de ler este versículo e fechou sua bíblia de estudos. Ficou um momento cronologicamente curto, mas profundamente extenso em termos de significado e reflexão de si sobre si mesmo. Refletiu sobre a verdade desta poesia cósmica. Aceitou no mais profundo de seu ser a veracidade, a força, o poder de tal afirmativa. De fato, na angústia, na dor, no desespero, quando tudo o mais parece não dar respostas, resta somente o encontro com o último flanco, a última trincheira do humano. Foi justamente nesta trincheira que Lauro se encontrou, que Lauro se libertou. “Glória a Deus por isto”, fez em tom de oração e agradecimento.

— Flávia, amor, já terminou de se aprontar?

— Termine de vestir as crianças, se não vamos acabar nos atrasando.

Seguiu as ordens da esposa e dali a 30 minutos estavam todos prontos. Banho tomado, roupa limpa, cheirosa e bem passada, todos perfumados. Lauro em um terno barato, comprado em um brechó na Avenida Goiás, no Centro de Goiânia, uma gravata vinho com listras diagonais também vinho, mas um tom de cor abaixo. Flávia com vestido muito melhor qualificado que o terno do marido, mas mesmo assim denunciando uma grande simplicidade. As crianças, Pedro e Thiago, de quatro e seis anos respectivamente, vestidas com camiseta, bermuda *jeans* e tênis.

Estavam adiantados em quase uma hora. Poderiam caminhar à vontade, sem pressa, para não chegarem suados à igreja. Afinal, era sempre um momento muito importante para ambos, sobretudo para Lauro. Os dois começaram a frequentar os cultos há exatos cinco meses. Até então, nunca tiveram qualquer experiência religiosa disciplinada e orientada em qualquer instituição eclesial.

Lauro perdera há um ano seu pai e sua mãe, que reagiram a um assalto e foram covardemente assassinados. Esta marca estava profundamente cravada em sua carne. Ele não conseguia se livrar da memória que o assombrava. Via, a cada sonho, a cada momento que deixava o pensamento divagar sempre a mesma imagem: sua mãe e pai jogados no



asfalto por mais de 5 horas com sangue espalhado por todo o redor dos corpos. Bastava que afrouxasse um pouco sua mente e esta imagem brotava como água que surge espontaneamente de uma mina. Ele esforçava-se para afastar tal memória, mas ela teimava em sempre e sempre voltar. Os jornais manchados de sangue não voavam à força do vento, pois estavam grudados pelo sangue ressecado aos corpos.

Uma manchete, de um dos jornais, nunca se afastava da memória de Lauro: “Goiânia, a capital das flores, está entre as cidades com maior índice de felicidade”. Era um grande paradoxo, é verdade. Na situação em que se encontrava, não poderia haver mentira maior do que aquela. De qualquer forma, era impossível a ele afastar a cena de seus pais encobertos pelos jornais, como também era impossível esquecer aquela manchete tão impropriamente grudada no sangue de seu pai e de sua mãe.

Era já um final de tarde. Um crepúsculo amanteigado se firmava de maneira fugaz, já fugindo para dar lugar ao negrume da noite. As luzes dos postes já estavam acesas, embora ainda houvesse um resquício de luz solar. O frescor do fim de tarde dava uma sensação de grande leveza em todos. Algumas senhoras à porta das casas. Jovens subindo e descendo a rua, uma turba de trabalhadores voltando para casa após mais um dia de trabalho.

Um pequeno bairro, encravado nas distâncias periféricas de Aparecida de Goiânia. Ruas asfaltadas, rede de esgoto, água encanada, escolas, hospital, supermercados, bares, farmácias, igrejas, pessoas, muitas pessoas transitando. Naturalmente que Lauro e sua família pouca atenção deram ao crepúsculo, às pessoas, aos bares... Estavam indo à igreja. Isso era o que importava por agora. Quando já estavam chegando à porta do templo, quando já avistavam os demais irmãos, todos trajados também a caráter, Flávia vira-se para Lauro e diz, de supetão:

— Este é o último pagamento do seu seguro desemprego, não é Lauro? Já se passaram seis meses desde que saiu da firma. O que faremos mês que vem?

— Deus proverá uma solução, respondeu laconicamente...

— Amém, retrucou a mulher, sem muito entusiasmo.

Durante o culto, todos silenciosos, olhando atentamente para o pastor Edir, pairava sobre as cabeças de todos um grande sentimento de compreensão, de sabedoria, de devoção. A igreja Assembleia Mundial do Reino de Deus estava completamente lotada. Em torno de umas 300 pessoas se apertavam nos bancos para apreciar as palavras de sabedoria do pastor Edir.

O pastor chama a atenção de todos e recomenda às suas ovelhas abrirem suas bíblias em Marcos, capítulo 12, versículos 41 a 44. Lê: “Jesus sentou-se em frente do lugar onde eram colocadas as contribuições e observava a multidão colocando o dinheiro nas caixas de ofertas.

Ano 03, numero 05, jan./jun. 2016

[12]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões



Muitos ricos lançavam ali grandes quantias. Então, uma viúva pobre chegou-se e colocou duas pequeninas moedas de cobre, de muito pouco valor. Chamando a si os seus discípulos, Jesus declarou: ‘afirmo que esta viúva pobre colocou na caixa de ofertas mais do que todos os outros. Todos deram do que lhes sobrava; mas ela, da sua pobreza, deu tudo o que possuía para sobreviver’”.

As ovelhas, com olhar atento, em silêncio, faziam expressão de quem solicita, demanda palavras vindas de cima do altar. Parecia que era insuficiente a singeleza, a verdade das palavras que saíam dos textos bíblicos. Era necessário um complemento, um comentário. Este não tardou. Edir emendou as palavras de Jesus:

— Irmãos, amém — todos responderam em coro: amém — percebem aonde Jesus quer chegar? Conseguem perceber o que ele quer nos dizer? A questão, irmãos, não é dar o que sobra, mas sim dar além do que se pode. A viúva deu tudo de sua pobreza e o seu ato foi para Jesus muito mais importante do que todo o dinheiro vindo daqueles que eram ricos. Amém? — todos repetiam em uníssono: amém. Meus irmãos e minhas irmãs, prosseguiu ele, agora em tom mais paternal, percebam também que Jesus não está aqui a criticar os ricos e nem a questionar os valores importantes que eles doam ao templo. Os que muito tem, muito tem que dar. Amém? — gritou mais alto. Todos responderam novamente em uma única voz: amém!

As carinhas atentas e curiosas do início começaram a ceder lugar a olhos e expressões de euforia. Todos muito felizes e inquietos, balançando a cabeça em sinal de aprovação. Olham-se uns aos outros e fazem comentários elogiosos à capacidade interpretativa do pastor Edir, concordam com o que ele fala, com seus gestos, com suas palavras, com sua entonação de voz. Nos momentos de maior atenção, sua voz é pausada, concatenada. Nos momentos conclusivos, sempre precedidos e seguidos de um caloroso “amém”, seu tom de voz aumenta, chegando às vezes às tonalidades do grito, do berro mais alto que se possa calcular.

Após um berro grave de “amém, irmãos”, Edir volta ao tom atencioso e comedido e prossegue:

— Irmãos e irmãs, vou aqui lhes fazer uma proposta, pois como nos ensina Jesus em segunda Coríntios, capítulo 9, versículo 7: “Cada um dê conforme determinou em seu coração, não com pesar ou por obrigação, pois Deus ama quem dá com alegria”. Dê com alegria, pague seu dízimo a Deus, pois a Deus ninguém engana. Enganando a Deus, engana-se a si mesmo. A proposta, irmãos, principalmente para aqueles que estão vivendo no aluguel, pagando prestação da casa própria — Lauro olhou para Flávia com olhar atento e ela retribuiu com a mesma atenção o olhar, pois o aluguel do mês seguinte venceria sem que o seguro-desemprego estivesse ali para garantir a paz financeira do senhorio — é a seguinte: irmãos,

Ano 03, numero 05, jan./jun. 2016

[13]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões



você vai fazer um cálculo muito simples. Você vai pegar o valor do seu aluguel, da sua prestação e vai dividi-lo em doze meses. Todo mês você vai dar uma parte desse valor. Se tiver condições, multiplique por dois, por três este valor e sua graça será proporcional. Pague com alegria, agrade a Deus. Te ensino aqui, irmãos, o princípio bíblico e ainda te ensino um método de fazer isto. Lembre-se da viúva, que mesmo dentro de sua pobreza, deu tudo o que pode e isto agradou Jesus. Agradem Jesus, irmãos.

Todos deram um grande “amém” e explodiram em uma espécie de êxtase coletivo, uma verdadeira catarse de “glória”, “amém”, “que assim seja”, “aleluia”. Lauro e Flávia seguiram a turba neste redemoinho neopentecostal.

Despediram-se dos irmãos mais chegados e se encaminharam para casa. A noite já ia alta. As estrelas brilhavam em seu silêncio cósmico. As ruas ainda não estavam totalmente vazias. Havia jovens voltando da escola, irmãos de outras congregações, os bares ainda estavam abertos, alguns até razoavelmente cheios.

— Flavinha, o que faremos então? Estamos muito mais parecidos com a viúva do que com os ricos que dão grandes ofertas.

— Não sei, estamos a gastar a última parcela agora. Mês que vem não sei o que vai ser. Espero que Deus nos reserve dias melhores. Vamos passar por mais esta provação...

Lauro acordou cedo, embora não tivesse nada para fazer. Uma angústia opressora tornara sua noite longa e carregada de pesadelos. Não se lembrava de nenhum em específico. Só restou da noite uma sensação insuportável de tensão, de cochilos entrecortados com pequenos momentos de susto vindo de dentro de um sonho. Na verdade, agradeceu a Jesus por ter mandado o sol.

O barracão tinha apenas três cômodos: uma sala, que era também cozinha, um banheiro e um quarto. No quarto, dormiam os quatro membros da família. A mobília era demasiado simples e reduzida: uma cama de casal e uma cama de solteiro na qual as duas crianças se apertavam, dormindo uma com a cabeça virada para os pés da outra. Um guarda-roupa de oito portas onde se empilhavam as roupas de todos. A sala tinha um sofá de três lugares, uma TV sobre um tamborete de madeira de quatro pernas. Uma mesa de quatro lugares ficava ao lado do fogão e da geladeira. Isto era tudo.

Ao levantar-se da cama, Lauro acordou a esposa. Deu-lhe um beijo no rosto e ela voltou a dormir. Saiu, foi à padaria, comprou quatro pães, fez um café forte e amargo. O cheiro fumegante do café alastrou-se até o quarto. Flávia levantou também. Ambos oraram e agradeceram a Deus pelo pão e pelo café. As crianças levantaram em seguida, comeram o pão e foram para o quintal brincar.

Ano 03, numero 05, jan./jun. 2016

[14]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões



— Você arrumou a parte do dízimo deste mês?
— Ainda não, encolheu os ombros.
— Semana passada o pastor falou novamente a respeito...
Ele a interrompeu, constrangido:
— Eu sei.

Não falaram palavra até a hora do almoço. Flávia colocou os pratos na mesa, gritou pelos meninos, mandando que fossem lavar as mãos e sentar-se à mesa. Oraram em agradecimento pela refeição. Comeram. Arroz, feijão, farofa de ovo.

— Mamãe, não quero ovo hoje não, disse Thiago de modo choroso.

Flávia fez cara de má e forçou o pequeno a comer. Ele comeu contrafeito. Já havia uma semana que este era o único cardápio da casa. Terminaram o almoço e as crianças correram para a frente da TV, Flávia deu um pulo e mudou para o canal da igreja, o único permitido na casa. As crianças choraram exigindo o desenho animado, mas contentaram-se. Logo em seguida saíram resmungando e foram brincar no quintal.

As horas passavam lentamente. Não havia nada para fazer. Lauro tentou inventar algo para ocupar seu tempo. Pegou a Bíblia, leu alguns versículos, mas sua cabeça estava muito mais preocupada com o alimento que serviria no jantar do que com o alimento do espírito. Não conseguia concentrar-se. Flávia também não lia a Bíblia há dias. Sua única fonte de formação espiritual eram as palavras de Edir, o pastor.

À tarde, à hora do lanche, Pedro reclamou ao pai que queria tomar leite com achocolatado. O pai respondeu que não tinha nem leite nem achocolatado. A criança não deu importância ao fato e saiu correndo em direção ao irmão. O pai, profundamente envergonhado diante de seu fracasso como “varão”, olhou de rabo de olho para Flávia que fingiu não notar o constrangimento do marido.

Tomaram banho à hora certa e se encaminharam para a igreja. Lá a vida era diferente. Todos estavam ali com o mesmo objetivo: serem verdadeiros cristãos. Amar ao próximo, fazer o bem, perdoar, orar... Agradecer e louvar a Deus. As terças e quintas-feiras eram esperadas ansiosamente por ambos, pois eram os dias em que o pastor Edir estava a fazer suas pregações. Aos sábados era o presbítero o responsável pelo culto. Flávia não gostava muito dele, pois falava baixo e lia muito a Bíblia. Preferia Edir, que fazia piadas, dava berros, lia alguns versículos e fazia longos comentários aos versículos, dava lição de moral etc. Flávia às vezes considerava Edir mais sábio que a própria Bíblia. Quando tal pensamento se avizinhava, tratava logo de dispersá-lo e fazia uma rápida oração pedindo perdão a Jesus.

Lauro também gostava de Edir, para ele um dos melhores pregadores do mundo. A obra de Edir crescia cada vez mais no bairro e sua fama ia além, trazendo pessoas de quase

Ano 03, numero 05, jan./jun. 2016

[15]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões



todos os bairros próximos. Sua igreja, sua obra crescia a passos largos. Contudo, Lauro também apreciava o trabalho do presbítero, embora suas pregações fossem menos divertidas.

Mas o importante mesmo, aquilo que tanto Lauro quanto Flávia mais apreciavam, era estar na igreja. Os irmãos, as músicas, os fuxicos da vida do irmão que desviou, da irmã que está a namorar um “ímpio”, da festa de casamento dos irmãos que foi uma lindeza, do novo filho que um casal de irmãos da congregação vai ter e por aí vai. Após a morte dos pais de Lauro, o casal vivia completamente só. A família de Flávia é do Maranhão. Ninguém por perto. A Lauro não restou mais ninguém, a exceção da mulher e dos filhos.

Lauro e Flávia adoravam ir à igreja aos sábados e domingos para fazer galinhada, pamonhada, bazar, orar. Era seu maior divertimento. A congregação tinha se tornado parte de sua vida, era uma extensão de sua casa. Por eles, estariam na congregação a todo momento, todos os dias. Não podiam, contudo, fazer isto.

Quando no barraco, em casa, as horas eram lentas, pesadas. Um espesso desenrolar do relógio afogava os espíritos de ambos. Não tinham assunto. As crianças às vezes os irritavam demasiadamente. Quando muito calor, era insuportável ficar sob as telhas de amianto que cobriam o baixo barracão. Tinham que ir para fora, aboletavam-se na calçada sob uma grande munguba que ameaçava a todo momento despencar sobre a casa. As horas dentro do barraco consistiam em contar o tempo até a chegada da hora do culto.

Uma tarde quente de quinta-feira, quando estavam a se refrescar sob a sombra da munguba, as crianças a brincarem com uns carrinhos de plástico que haviam ganhado na igreja, Flávia diz, em voz baixa como querendo esconder um segredo nefasto:

— Ali vem o senhorio...

— Boa tarde.

— Boa tarde, respondeu o casal.

— Hoje já vence o segundo mês sem pagamento...

Lauro responde de supetão, interrompendo o senhorio.

— Eu sei, já estou providenciando isto. Até semana que vem quito tudo com o senhor.

— Pelo que sei, ainda está desempregado.

— A vida não está fácil. Corro de um lado para o outro, mas não arranjo nada, mas me prometeram que semana que vem sai uma vaga no estoque do supermercado — mentiu descaradamente.



— Se não derem um jeito nisto, mês que vem vou ter que pedir pra vocês desocuparem o barracão. A “vida não está fácil” — disse imitando o tom de voz de Lauro — e esse aluguel é meu ganha pão.

Saiu se despedindo de modo insensível. O casal se entreolhou. Não disseram palavra.

Lauro mergulhou numa profunda vergonha. Mentiu para o senhorio. A mentira saiu de supetão, não conteve as palavras. Foi uma defesa, naturalmente, mas mesmo assim mentiu. Lembrou das pregações do presbítero acerca da mentira, do adultério, da maledicência... Não podia remediar. Fez uma oração em desculpas. Pediu perdão. Olhou para a mulher que o observava mudamente. Ficou com vergonha também da esposa, pois ela sabia que mentira, mas ela não disse absolutamente nada.

Amargaram o fim da tarde até a hora do culto.

Naquela quinta-feira, ao chegarem à igreja ainda muito antes do culto, teve Lauro mais uma surpresa. Alguns irmãos também haviam se adiantado à hora do culto e estavam sentados ao fundo, conversando uma prosa divertida, pois riam em demasia. O templo estava limpo, era bem arejado. Estava um conforto em comparação ao barraco. Lauro afastou-se da mulher por alguns minutos, conversou com José Maria, um irmão muito bem quisto na igreja, além de bem sucedido. Não é lá muita coisa, apenas dono de mercearia, que emprega uns cinco trabalhadores, todos irmãos da igreja. Fazem um cumprimento amistoso, riem por alguns segundos. Lauro avança e diz tropeçando nas palavras:

— Não há, irmão, por acaso alguma vaga em sua mercearia?

— Ô irmão, nada tenho. Já estou com um número excessivo de empregados.

— Conhece alguém que precisa de algum empregado? Do jeito que estou, qualquer coisa eu aceito...

— Não. Interrompeu José Maria. Pediu licença e se retirou.

Lauro o olhou constrangido. Sentiu-se envergonhado por estar desempregado e ir a um irmão mendigar uma vaga de emprego. Contudo, o que se há de fazer? É preciso trabalhar... “A vida não está fácil pra ninguém”, refletiu laconicamente.

Veio um obreiro da igreja, aproximando-se de Lauro. Este o observou.

— Lauro, com vai irmão, tudo bem... Abraçaram-se e deram um ao outro um sorriso amarelo.

— Oi irmão, estou ótimo e você?

— Pois é, irmão, estamos percebendo que o senhor já está há dois meses sem dar nenhuma contribuição. Sem o esforço de todos, a igreja, a obra de Deus não prospera.



Precisamos dar o máximo de nós. A Deus ninguém engana. Não que eu esteja dizendo que o senhor esteja enganando alguém, longe de mim julgar o senhor — Lauro lembrou-se da conversa com o senhorio — mas é que temos que manter a obra e a obra só é mantida quando todos se empenham.

Nunca havia sido objeto de interpelação tão descabida assim. Ficou perplexo diante das palavras do obreiro. Foi à igreja para buscar conforto, amizade, redenção. Depois da tragédia que abalou sua vida e do desemprego que amarga sua vida tantos meses, não esperava ouvir tamanha falta de consideração vinda de um irmão de consideração dentro da congregação.

Sentiu raiva em ser invadido daquela maneira. Sobretudo, sentiu vergonha em ser lembrado daquela maneira acerca de sua pobreza. “Como pode ser isto?”, perguntava-se meio que fora de si. Olhou para todos os demais irmãos e todos riam, gesticulavam, conversavam em demasia. Alguns davam pulinhos de tanto que riam. Outros colocavam as mãos sobre o abdômen e curvavam-se para frente no desespero em conter o riso que os assolava...

A igreja enegreceu. Um tom cinza pairou sobre tudo. O burburinho das conversas, das risadas foram diminuindo o volume. Lauro, estupefato, ficou rodando a cabeça de um lado para outro tentando encontrar-se no meio daquele lugar. Estava algo extremamente difícil. A névoa da vergonha se estendia e trespassava a todos. Na verdade, parecia que todos riam dele. Em seus pensamentos, circulavam ideias estranhas. O homem que se curvava para frente devido à intensidade das risadas mostrava os dentes amarelados e aqueles risos eram contra Lauro. O homem que dava pulinhos, pulava em sinal de zombaria diante do fracasso de nosso protagonista. Algumas mulheres riam baixo, olhavam de soslaio de um lado para outro, colocando a mão na boca para esconder os dentes que vinham à superfície. As risadinhas femininas eram contra Lauro. As crianças corriam numa grita sem tamanho. Davam gargalhadas. Riam de Lauro.

Atordoadado diante da situação, não conseguiu realizar nenhum movimento. Ficou catatônico. Parecia que sua pele, sua roupa eram somente um escafandro, de dentro do qual agonizava um homem sem emprego e sem casa. Acima de tudo, um homem, um cristão que mentia. Acima de tudo, um crente que não pagava o mínimo de seu dízimo. Acima de tudo, um resto humano que caía de fracasso em fracasso.

Esta descrição pode parecer demasiado exagerada, mas foi exatamente assim que se sentiu o nosso herói: um resto humano dentro de um escafandro metamorfoseado em terno barato.

— Lauro... Lauro... LAURO!!! Gritou sua mulher, tocando-lhe no ombro com certa intensidade.

Ano 03, numero 05, jan./jun. 2016

[18]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões



— Sim?

— Parece que tá morto, homem. Estava olhando para as pessoas, mas parecia que não via ninguém. O que aconteceu?

— Nada, não foi nada, amor.

Sentaram-se.

O culto foi algo completamente insosso, pelo menos para Lauro. Não via a hora de acabar. Acabou.

Flávia felicíssima fazia comentários elogiosos ao pastor Edir, até o presbítero ela elogiou. Elogiou o vestido de uma das irmãs. Falou mal de algumas, que eram bisbilhoteiras. Pegou na mão do filho mais novo. O mais velho saiu correndo. Ela largou a mão do mais novo e correu atrás do mais velho. O bairro estava como todas as noites, cheio de bares, estudantes, pessoas...

Lauro passou ao largo de tudo. Tudo o irritava: Flávia, os filhos, os bares, os estudantes, os irmãos, as irmãs, a igreja, o presbítero, o pastor, o senhorio... Mas sobretudo, o obreiro. Como pudera dizer-lhe aquilo? Contudo, não sentia raiva. Vergonha é a palavra correta para expressar seu estado de angústia.

Flávia percebeu que o marido estava diferente. Tentou sondar-lhe a causa, mas percebeu que o esposo não estava dando a conversações. Calou-se.

Não convém mais remoer o estado emocional de Lauro. Sua dor, contudo, não teve fim ao cabo de duas semanas. Não podia ver o obreiro que a vergonha o intimidava. Não é preciso registrar que tanto Flávia quanto Lauro ainda se sentavam sobre a carteira de trabalho e que, portanto, o aluguel ainda não estava pago e que o terceiro mês estava às vésperas do vencimento. À vergonha de Lauro, que nunca comentou o acontecido com Flávia, somava-se a angústia da falta de emprego, da falta de dinheiro, da falta de alimentação adequada para si, sua mulher e seus filhos. Sobretudo Pedro e Thiago.

Na última quinta-feira do mês, Lauro não sentiu vontade de ir ao culto. Estava por demais desanimado, cansado. Um espesso desespero parecia preencher toda a sua existência. Flávia também não estava transbordando felicidade, contudo, parecia contentar-se mais com a situação. Além do mais, nada suspeitava da entrevista de Lauro com o obreiro. As crianças não davam a mínima importância para nada. Pedro brincava com a roda quebrada de um carrinho. Thiago estava sentado ao chão desenhando alguma coisa sobre um papel branco.



À hora de saírem de casa em direção ao culto não foi recheada, como era no início, de prazer e contentamento. Pareceu uma obrigação que se deve cumprir à força de ser penalizado. Esta era exatamente a maneira como se sentia Lauro. Em seu espectro emocional mais profundo, pulavam de uma área para outra a vergonha, a impotência, a derrota. A fé em Deus parecia ser a única coisa que efetivamente lhe dava o último ânimo para ainda continuar vivo. O obreiro conseguiu abalar um pouco isto, não sua fé em Deus, que era inabalável, mas sim sua fé na igreja, nos irmãos, no pastor, embora este nada lhe tivesse dito.

Ao chegarem ao culto, o pastor Edir já estava a cumprimentar a todos os irmãos, indo de um lado a outro, conversando, rindo, pegando nas mãos de cada um. Ele fazia isto em todos os cultos. Ao aproximar-se de Lauro e Flávia, deu um sorriso amarelo, pegou secamente nas mãos de ambos e saiu. Flávia parece não ter notado nada, mas Lauro entendeu exatamente o que se passava. Ou pensou ter entendido.

O Obreiro havia dito ao pastor o que tinha ocorrido entre ambos. Denunciou o calote de Lauro e o pastor estava agora a puni-lo por tamanha falta de compromisso com a congregação. Sim, era exatamente isto o que tinha acontecido. Mas por que o pastor daria tanta importância ao dízimo? E o amor, e Deus, e os irmãos e irmãs, o perdão, a fé... Cansou de pensar. Abateu-se.

Viu, passando por uma das portas do templo o obreiro. Pediu licença à esposa e dirigiu-se rapidamente em direção ao cobrador de dízimo.

— Boa noite, irmão, posso ter uma palavrinha com o senhor.

— Sim, claro.

— Sei que não pago o dízimo há alguns meses. Tenho vergonha disto, mas não arrumo emprego e os poucos bicos que faço mal dá pra pagar a comida que comemos. Meu aluguel está atrasado a meses...

— Sim, entendo.

— Não sei a quem recorrer. Peço perdão a você por não conseguir cumprir com minhas obrigações, mas é que a vida não está fácil pra ninguém.

— Lauro, meu irmão, pra que tamanho desespero, meu rapaz? Por que está assim?

Lauro contou o sucedido com o pastor Edir.

— Não fique desse jeito não, meu irmão. Há sempre uma solução pra tudo. Deus sempre dá as dificuldades conforme as nossas forças. Você não está comendo todos os dias? Amém por isto. Deus provê os bicos que sustentam a sua família. Você não tem casa? Mesmo que não pague o aluguel, ainda tem um teto, Deus dá paciência ao seu senhorio. Você não tem sua família? Amém por isto, Deus lha deu para que tivesse forças pra continuar lutando e



vivendo. Você não tem a igreja, a congregação? Amém irmão, estamos todos sob a graça de Deus.

Lauro disse baixinho em tom de concordância: “amém, irmão. Amém, irmão”.

— Não reclame do que Deus te deu, irmão. Agradeça as graças recebidas. Como você pode agradecer? Orando, ajoelhando, jejuando. Irmão, você tem que agradecer toda graça que lhe é concedida. A igreja é uma graça em sua vida. Agradeça. Mantenha a igreja. Contribua para que a igreja continue a fazer trabalho de Deus e conceder esta graça a outras pessoas também.

Lauro estava já a perdoar o desaforo que havia ouvido semanas antes. Não mais sentia vergonha, nem raiva do obreiro. Estava já quase a amar-lhe, tamanha era a felicidade que pulava em seu peito. “Amém! Amém!! Amém!!!”. Gritava Lauro estas palavras no mais profundo de si.

— Irmão, você pode dar sua contribuição à igreja, apesar de todos os seus infortúnios...

— Como? — interrompeu Lauro.

— Lembre-se do sermão de Jesus aos seus discípulos. A viúva deu não do que sobrava, mas deu aquilo que lhe faltava, mesmo sendo pouco. Venda sua televisão. Pegue uma pequena parte para si e dê a outra à igreja.

Lauro arregalou os olhos.

— Venda sua geladeira. Fique com uma pequena parte para si e dê a outra à igreja.

Lauro prendeu a respiração e sentiu uma pontada de desespero.

— Eu sei que seus filhinhos cada um tem uma bicicleta, venda-as. Pegue uma parte para si e dê a outra a igreja.

Lauro enrubesceu a cara e franziu a testa. Seus batimentos cardíacos aceleraram. As palmas de sua mão suaram um suor frio, espesso. Sentiu o sangue circular dos pés à cabeça. Uma ira pouco cristã circulou por seus pensamentos. Olhou profundamente para o obreiro, que mantinha uma face terna, risonha, mas sem escarninho.

Não percebeu direito quando repentinamente pularam de sua boca as seguintes palavras:

— Trambiqueiro filho de uma puta!!!

Flávia ouviu o grito de seu marido, recolheu os meninos, grudou na mão do esposo e o arrastou para fora da igreja...

Aparecida de Goiânia, Dezembro de 2015.

Ano 03, numero 05, jan./jun. 2016

[21]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões

